

# Ministério

## Adventista

*Nome G. Cou...*





Órgão publicado bimestralmente pela  
Associação Ministerial da Igreja Adventista do  
Sétimo Dia

Editado pela  
Casa Publicadora Brasileira  
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira  
Gerente — Bernardo E. Schuenemann  
Redator responsável — Carlos A. Trezza

Colaboradores especiais:  
R. A. Wilcox e A. E. Schmidt

Assinatura Anual ..... US \$ 3,00  
Número Avulso ..... US \$ 0,50

2015

Ano 36                      Novembro-Dezembro                      N.º 6

**NESTE NÚMERO**

CAPA: © Review and Herald Pub. Assn.

**NOSSA PRIMEIRA DAMA ...**  
Francisco Nunes Siqueira ..... 2

**UNIDOS COM DEUS PARA A AÇÃO**  
Wilson Sarli ..... 3

**PASSOS DO PREGADOR**  
**HOMENS QUE DEUS NÃO CHAMA**  
Alcides C. Rodrigues ..... 5

**O SIGNIFICADO DO "SANGUE" NO SANTUÁRIO**  
— Conclusão  
Léo Ranzo'in ..... 7

**A SEU LADO**  
**LIVROS! LIVROS!**  
Miriã Hardinge ..... 9

**NECESSITAMOS DE MAIS COMUNHÃO COM DEUS**  
Joel Sarli ..... 10

**JUSTIFICAÇÃO E SALVAÇÃO — Conclusão**  
Albino Marks ..... 12

**BABILÔNIA E O ANIMAL**  
Gordon A. Frase ..... 14

**"PORQUE O SENHOR ME UNGIU ..."**  
Anísio Chagas ..... 17

**PERIGOS QUE AMEAÇAM A IGREJA**  
Humberto R. Treyer ..... 18

# Nossa Primeira Dama...

*Quem Será Ela?*

Ela não vive nos grandes centros urbanos do mundo, nos palácios destinados às famílias dos condutores de povos e nacionalidades.

Ela não dispõe de carros oficiais, secretários particulares e servidores palacianos.

À sua passagem não se detém nem o tráfego, nem os transeuntes.

Seu nome não aparece nas manchetes e nas colunas sociais dos grandes jornais. Não recebe homenagens e nem salário por sua obra e atividades.

Nossa primeira dama é uma "ilustre" desconhecida.

Eu não diria que sem ela nossa igreja pararia, mas afirmo, em sã consciência, que com ela a marcha melhor.

Sua obra não é secreta, mas se oculta no anonimato próprio dos grandes. Como João, sua maior preocupação é que alguém "cresça." Por seu futuro e triunfo ela é capaz de gastar seus anos, seu talento e sua vida.

À despeito de tudo isso, não creio que se lhe deva erigir um monumento, mas uma coisa creio e anuncio sem detença: O "alguém" por quem ela vive e se consome deve ser-lhe reconhecido.

Não tenha êle pejo de dizer: "Sem ela não chegarei onde cheguei. Com ela triunfarei!"

Sacerdotes do Altíssimo, mensageiros de Deus.

Amemos nossa obra e tarefas santas.

Amemo-las com tôdas as veras de nossa alma.

Demos-lhe a mais santa das prioridades, mas não nos esqueçamos de dar reconhecimento e muito amor à primeira dama da nossa igreja.

Ela não é a esposa do Pastor Pierson, nosso líder mundial. Ela é a sua esposa.

— FRANCISCO NUNES SIQUEIRA

# Unidos Com Deus Para a Ação\*

WILSON SARLI

## Uma Presença Indispensável

**D**ESEJO introduzir o meu assunto lendo uma passagem da Bíblia, porém, da maneira como é citada pela irmã White em *Obreiros Evangélicos* à pág. 413. Diz assim: "Eu não posso guiar a este povo, a não ser que a Tua presença vá comigo" (Êxodo 33:15).

Que extraordinário conceito não se encontra nas entrelinhas dêsse versículo! Moisés, aquele poderoso homem de fé, demonstrou aqui ser inteiramente dependente de Deus para realizar a Sua Obra, particularmente numa ocasião especial como aquela.

A igreja de Deus naqueles dias estava passando por uma crise espiritual sem precedentes na história de sua existência.

Deus condenara o povo à destruição por causa do seu grande pecado e prometia fazer da descendência de Moisés uma grande nação. E foi nesta hora de crise, quando tudo parecia perdido que a liderança sábia, amorosa e dedicada de um verdadeiro líder se fez sentir; de um líder que estava integrado nos planos de Deus no tocante ao povo que ele estava dirigindo; de um líder que se havia identificado com Deus e Sua Obra.

Moisés intercedeu pelo povo perante Deus. Notemos a sua oração intercessória: "Tornou Moisés ao Senhor, e disse: Ora o povo cometeu grande pecado, fazendo para si deuses de ouro. Agora, pois, perdoa-lhe o pecado; ou, se não, risca-me, peço-Te, do livro que escreveste" (Êxodo 32:31 e 32).

Deus ouviu a sua petição, mas sob uma condição; disse Deus: "Eu não subirei no meio de ti, porquanto és povo obstinado . . . eis que o Meu anjo irá adiante de ti . . ." (Êxodo 33:3 e 32:24).

Entretanto, Moisés não ficou satisfeito com a solução que Deus havia dado. Ele ficou descontente. Para Moisés a presença de Deus era indispensável para o desempenho de suas pesadas responsabilidades. Só ela servia naquela contingência. Nem mesmo a presença de um anjo iria satisfazer as necessidades daquela hora em crise.

E foi então que Moisés arrazoando com

Deus, argumentou humildemente mas com convicção, dizendo: "Eu não posso guiar a este povo, a não ser que a Tua presença vá comigo."

Não é um exemplo extraordinário êsse? Nada menos do que a presença de Deus deve ser vista e sentida em nossa liderança se quisermos ter êxito em nosso trabalho. Diz a serva do Senhor: "Se os oficiais de uma associação quiserem desempenhar-se com êxito das responsabilidades que lhes são confiadas, devem orar, devem crer, devem confiar em que Deus Se sirva dêles como instrumentos para manter as igrejas da Associação em bom funcionamento. . . ." — *Obreiros Evangélicos*, págs. 416 e 417.

Mas voltemos à experiência de Moisés. Quando um líder está unido com Deus para a ação como Moisés estava, também como Moisés êle conseguirá coisas extraordinárias e até mesmo em mudar, muitas vêzes, os intentos de Deus porque êle é um cooperador Seu em liderar a Sua Obra aqui na Terra. Deus aceita sugestões de Seus conservos não que necessite de conselhos mas porque Lhe agrada quando demonstramos interêsse pelo Seu povo, pelo bem-estar de Sua igreja.

Foi o que aconteceu. Moisés argumentou com Deus, dizendo: "Eu não posso guiar a este povo, a não ser que a Tua presença vá comigo." Deus Se aborreceu com isto? Não. Pelo contrário; Deus foi solícito em atender ao pedido de Seu fiel servo. "Disse o Senhor a Moisés: Farei também isto que disseste; porque achaste graça aos Meus olhos, e Eu te conheço pelo nome teu." E mais: "Respondeu-lhe: A Minha presença irá contigo, e Eu te darei descanso" (Êxodo 33:17 e 14).

Por que foi que Moisés conseguiu isto de Deus? Notemos que êle conseguiu mudar os intentos de Deus por duas vêzes nessa ocasião: a primeira, impedindo que êle destruísse o povo por causa de seu grande pecado; a segunda, quando Deus prometeu a Sua presença novamente no meio do povo. Mas, porque Moisés conseguiu isto?

Irmãos, êle conseguiu tudo isto porque estava intimamente unido com Deus na execução de Sua Obra. E nós só conseguiremos o mesmo

quando nos ligarmos a Deus inteiramente, quando com Ele nos unirmos sem reservas para a execução de Seu trabalho; quando pensarmos menos em nossa posição e de como mantê-la através dos anos; quando pensarmos mais nos interesses de Deus; quando o nosso único interesse fôr a Obra de Deus e de como terminá-la, então Deus nos conhecerá pelo nome e fará maravilhas por nosso intermédio como o fêz por intermédio de Moisés.

Sim, irmãos meus, a nossa oração diária deveria ser: "Senhor . . . , eu não posso guiar a Associação Sul-rio-grandense, a não ser que a Tua presença vá comigo"; "Eu não posso guiar a Missão Catarinense, a não ser que a Tua presença vá comigo"; "Eu não posso guiar a Associação Paranaense, a não ser que a Tua presença vá comigo"; "Eu não posso guiar a Associação Paulista, a não ser que a Tua presença vá comigo"; "Eu não posso guiar a Missão Brasil Central, a não ser que a Tua presença vá comigo"; "Eu não posso guiar a Missão Matogrossense, a não ser que a Tua presença vá comigo"; "Eu não posso guiar a União Sul-Brasileira, a não ser que a Tua presença vá comigo."

Devemos ser administradores da confiança de Deus. Será que Ele já nos conhece pelo nome?

### Uma União Indispensável

Diz a irmã White em *Obreiros Evangélicos*, à página 417: "Em fé viva, una-se a alma com Deus." E o salmista, em Salmo 16:8, diz: "O Senhor, tenho-O sempre à minha presença; estando Ele à minha direita não serei abalado."

Companheiros de administração, o nosso Deus é o mesmo Deus de Moisés e como ajudou a Moisés, ajudar-nos-á também.

Tenho aqui comigo mais algumas citações do Espírito de Profecia: "Todos necessitam de experiência prática em confiar em Deus por si mesmos. Nenhum homem se torne vosso confessor; abri a Deus o coração; dizei-Lhe todo o segredo da alma. Levai-Lhe vossas dificuldades, pequenas ou grandes, e Ele vos há de mostrar um caminho para sair de tôdas elas. Somente Ele pode saber dar-vos exatamente o auxílio de que necessitais. . . . Estais aprendendo a vos dirigir a Deus em tôdas as vossas aflições. . . . Por que somos nós tão indispostos a nos chegar diretamente à Fonte de nossa força? Não nos temos afastado do Senhor a êsse respeito? Não deveriam nossos ministros e presidentes de associações aprender de onde lhes vem auxílio?" — *Obreiros Evangélicos*, págs. 418 e 419.

Em 19 de janeiro de 1888, centenas de crentes se reuniram na estação de Toronto para se despedirem do casal Goforth que ia trabalhar na obra de Deus na China. Antes de sair o

trem, todos baixaram a cabeça em oração e, ao partir o trem, a grande multidão cantava: "Avante Soldados de Cristo." E uma vez fora da estação, os dois no trem rogaram a Deus que os guardassem para viverem eternamente dignos da grande confiança que êsses irmãos depositaram nêles.

Não muito tempo depois de chegarem à China, Hudson Taylor lhes escreveu: "Faz dez anos que a nossa Missão se esforça para entrar no sul da província de Honã e somente agora é que o conseguimos. . . . Irmã, se quer entrar nessa província, deve avançar de joelhos." As palavras de Hudson Taylor, "avançar de joelhos," tornaram-se o lema da Missão de Goforth para entrar no norte de Honã.

Nós também devemos "avançar de joelhos" se quisermos ter êxito em nossas atividades.

### Unidos Com Deus e Com os Obreiros

Quando estamos unidos com Deus demonstraremos em nossas relações para com os obreiros os Seus atributos: compreensão e bondade. O presidente de um Campo é um pastor de pastores e como tal, deve demonstrar amor para com os obreiros e membros; sentir com êles e com êles viver.

Os obreiros esperam do seu presidente mais que um simples administrador. Êles esperam dêle um conselheiro e orientador mas também um amigo, especialmente nas horas de crise e de desânimo, pois os obreiros, como qualquer outra pessoa, têm horas amargas na vida, momentos de lutas e de abatimento, quando então êles esperam do pastor geral uma palavra de amor, de compreensão e bondade.

Há alguns que pensam que ser firmes nos princípios que norteiam a Obra é demonstrar autoridade, severa autoridade. Não têm uma palavra de apreciação para com os obreiros; olham só para as facêtas negativas de seu trabalho.

O líder que está unido com Deus para o desempenho de suas funções exerce uma autoridade racional que tem sua origem na competência. O líder cuja autoridade é respeitada, exerce com entendimento a tarefa que lhe foi confiada pelos que lhe conferiram tal autoridade. Êle não precisa intimidar ninguém. Êle não se acerca de um certo número de amigos granjeados com promessas ou deferimentos especiais, em detrimento de outros que muitas vêzes são dignos e consagrados. O líder consagrado e identificado com Deus não se preocupa em despertar a admiração dos demais por meio de qualidades mágicas. Sendo êle capaz e útil, sua genuína autoridade decorrente do cargo que ocupa, baseia-se

em motivos racionais e não carece de um respeito irracional cheio de medo.

Do outro lado, o líder autoritário tem prazer em dizer que êle manda. Falta-lhe autoridade racional, essa autoridade que lhe é conferida e reconhecida por outros em virtude de sua capacidade de dirigir e orientar satisfazendo a todos sem se desviar do que é reto e do padrão ideal de conduta. Faltando-lhe isto, êle exerce uma autoridade irracional, que nada mais é que o poder sôbre as pessoas. O poder de um lado e o medo do outro, são sempre os esteios em que se apóiam a autoridade irracional. Torna-se uma pessoa "difícil"; julga-se importante; está sempre "ocupado." Quando alguém deseja falar-lhe sempre tem que esperar, e muito. É temido por seus liderados. Um líder assim destrói-se a si mesmo; perde a confiança de seus colaboradores em sua liderança.

Um líder que possui as qualidades anteriores é aquêle que procura fazer tudo pelas próprias forças esquecendo-se de lançar mão dos recursos que Deus lhe oferece. Não está unido com Deus para uma ação em conjunto. Não, esta não é a vontade de Deus.

Deus deseja que à frente de Sua Obra estejam homens consagrados e dedicados. Deus está buscando dirigentes que estejam dispostos a pagar o preço de uma entrega total.

Ainda são da irmã White as seguintes palavras: "Tenho aguardado ansiosamente, esperando que Deus investisse a alguns de Seu Espírito e os usasse como instrumentos da justiça para despertar e pôr a igreja em ordem"

E o pastor Robert H. Pierson em seu livro intitulado "So You Want to Be a Leader," à página 152 da edição em castelhano, escreve: "Quereis ser dirigentes? Então colocai-vos de joelhos diante de Deus. Com lágrimas de aflição rogai pedindo aptidão, primeiro para vós mesmos, e depois para o povo a quem conduzis.

E logo a seguir, êle conclui: "Os tempos perigosos em que vivemos exigem dirigentes com uma preocupação, dirigentes que chorem entre o alpendre e o altar, dirigentes que jejem e orem buscando ao Senhor de todo o coração. A Obra de Deus na atualidade exige dirigentes que anelem profundamente a comunhão com Êle, dirigentes que investiguem as Sagradas Escrituras, dirigentes que vivam vidas centralizadas em Cristo e que preguem sermões Cristo-cêntricos."

Ir್ಮãos, que o Senhor vos transforme e a mim também em dirigentes com estas qualificações. Amém.

\* Obs. Sermão devocional pronunciado no encontro de presidentes de campo da União Sul-Brasileira, realizado de 4 a 8 de setembro, sob os auspícios da U. S. B.



PASSOS DO PREGADOR

## Homens que Deus não Chama

ALCIDES C. RODRIGUES

**T**EMOS visto na história do povo de Deus, mormente na obra do Senhor, impressionantes relatos de como Deus tem chamado homens para o Seu trabalho aqui na Terra.

O leitor acostumado a ouvir tais emocionantes relatos, poderá estranhar nosso artigo intitulado "Homens Que Deus Não Chama." Será verdade isto? Poderá isto acontecer? Deixou Deus de interessar-se pela colaboração dos homens!?

Sim, há homens que Deus não chama, e há outros que pensam que foram chamados, mas estão enganados!

Lendo o livro *Primeiros Escritos*, encontrei dois parágrafos que me fizeram pensar profundamente na obra do pastor, sua responsabilidade diante do chamado para servir o Mestre. Disse a serva do Senhor:

"Homens de vida não santificada e não qualificados para ensinar a verdade presente entram no campo sem ser reconhecidos pela igreja ou pelos irmãos em geral, e o resultado é confusão e desunião."

"São precisamente os homens não chamados por Deus que em geral se consideram muito vocacionados e acham que os seus labores são muito importantes. Vão para o Campo e em geral não exercem boa influência; todavia

em alguns lugares eles alcançam certo sucesso, e isto leva-os, bem como a outros, a pensar que são realmente chamados por Deus. . . . (1)

### Homens Para Uma Obra Sagrada

Se não sinto que Deus me chamou para essa obra, não devo me iludir e muito menos pôr-me à frente de um rebanho apenas com a roupa de pastor, porém, o coração distante dêste trabalho!

Para lidarmos com a igreja de Deus só o conseguiremos com o chamado divino a inflamar nosso coração; por isso jamais deveremos dividir nossa aspiração.

“O trabalho do ministro de Deus é sublime! Acima de tudo, além de tudo, inexcédível; está no seu magno programa: ‘Pregar a Cristo e Este crucificado.’ Por que afastar-se da rotina traçada pela providência? Anjos das igrejas chamou-os Jesus Cristo na visão de Patmos. Que alta prerrogativa, que avistado epíteto.” (2)

Lemos também do apóstolo Paulo — “Se ministério, dediquemo-nos ao ministério.” (3)

Uma vez que sentimos o chamado, gastemo-nos por êle!

Na galeria bíblica encontramos homens que sentiram profundamente o chamado de Deus.

Neemias foi um homem extraordinário para uma época extraordinária — Sentiu êle o peso de um chamado; estava consciente de que Deus o colocara à frente de uma obra que não lhe permitia olhar para trás. Satanás procurou dissuadi-lo, mas êle tinha um chamado. Era um homem comissionado para aquêle trabalho de reconstrução!

Paulo um dia sentira a alegria e a responsabilidade de um chamado, por isso fôra um homem ousado para uma época que reclamava a presença de homens audazes. (4)

Homem que se lançou sem reservas à obra para a qual fôra chamado. Paulo não tinha tempo de olhar para trás, estava profundamente preocupado com o rebanho e com as almas que Deus lhe confiara!

É lastimável que em nossos dias muitos estejam rompendo um sulco sinuoso porque se preocupam em olhar para trás.

Viajei uma vez numa velha estrada de ferro em Pernambuco, ao lado de um ministro evangélico; mantivemos longa palestra; um dia no entanto ao passar por uma esquina, decepcionei-me . . . lá estava aquêle ministro, mão no arado, olhando para trás, sim estava vendendo quinquilharias, bugigangas. Oh homem, onde está teu chamado?! Deus não te chamou para cuidar dos negócios desta vida. Deus te chamou para uma obra mui elevada!

Um dia fomos investidos com a autoridade de pregar, recebemos um pergaminho e saímos à seara, isso no entanto pouco significa se não nos consagrarmos para o desempenho da tarefa que

Deus nos pôs nas mãos. Sim, porque para colocar a mensagem no coração do pecador, não bastam conhecimentos, é preciso derramar a alma diante de Deus. Deus tem mensagens poderosas para serem apresentadas e para isto são precisos homens consagrados, e se realmente nos sentimos chamados para esta obra, Êle nos dará forças e inspiração para pregá-la.

Nossos sermões devem revelar se somos homens chamados por Deus — Eles revelarão também se estamos olhando para trás. Porque:

“A pregação não é tarefa de uma hora, é a manifestação de uma vida.” (5)

“O sermão é mais do que palavras; é o extravasar de uma vida.” (6)

### Homens Deslocados

Em todos os ramos do viver encontramos homens deslocados, fora de lugar; o pior é que às vezes se compenetraram disso, mas não têm para onde correr.

Vamos à Bíblia buscar dois exemplos de homens que pensaram que haviam sido chamados.

Lev. 10:1 e 2. — Não era êste o trabalho para o qual Deus chamara Nadabe e Abiú filhos de Arão. Mas oh, eles se arriscaram fazendo a sua própria vontade — confundiram o chamado — Deus não os chamou para apresentar fogo estranho.

Que terrível fim tiveram, porque não se mantiveram dentro do seu trabalho! Não haviam sentido entranhavelmente o chamado divino!

II Samuel 18:19-33. — Dois homens diferentes; Cusi e Aimaás, o primeiro chamado o segundo não. . . .

Aimaás correu e chegou primeiro, mas nada tinha para dizer, senão que vira um alvoroço. Não tinha sido escolhido para aquela obra, por isso era qual barata tonta — Deus não o chamara.

Homens que não sabem a razão porque trabalham não podem ser chamados por Deus, é preciso que se compenetrem da responsabilidade!

Como Nadabe, Abiú e Aimaás encontraríamos outros tipos que Deus dispensa. Por exemplo:

Deus não chama comerciantes, muitos têm deixado a obra.

Deus não chama mentirosos — oh que descalabro quando a igreja não pode confiar no pastor.

Deus não chama homens que não encarem a responsabilidade da obra que terão de realizar!

Deus não chama homens descontrolados financeiramente.

Deus não chama homens relaxados, que fazem tudo de qualquer maneira. Êle quer que Sua obra seja encarada com seriedade.

Êle não chama preguiçosos. Êle quer homens

# O Significado do "Sangue" no Santuário

(Conclusão)

LÉO RANZOLIN

## II) O Sangue Regista?

NO livro "QUESTIONS ON DOCTRINE" lemos:

"Um cuidadoso estudo de todos os sacrifícios do santuário torna evidente que havia um princípio definido e inerente em todos estes tipos — que o pecado era transferido do pecador culpado tanto para a vítima sacrificada como para o próprio sacerdote. O ofertante colocava sua mão sobre a cabeça da vítima, confessando simbolicamente seu pecado e transferindo para o animal substituto que deveria morrer em seu lugar. Quando o sangue era espargido, o pecado era registado no santuário. Através do profeta, Deus disse: 'O pecado de Judá... está gravado... sobre as pontas do altar.'" (Jer. 17:1). (6)

### A) O MOMENTO DO REGISTO.

É antes da confissão. Sal. 51:1-9. Se um homem está confessando seus pecados é porque já estão registados. O homem não pode escapar da confissão. O fato de que a lei assinala as transgressões do homem, o faz desejoso de vir e as ter purificadas e limpas.

Então devemos dizer que os pecados não são registados pelo sangue, mas são registados ao

serem cometidos. O SANGUE TORNA VÁLIDO O REGISTO.

Em Lev. cap. 20, temos uma lista de pecados os quais ao serem cometidos diz a Bíblia: "O seu sangue será sobre ele..."

Ezeq. 22:4 — "Pelo teu sangue, por ti mesma derramado, tu te fizeste culpada..."

### B) COMO DEUS REGISTA.

A Sra. E. G. White diz:

"O sangue de Cristo, ao mesmo tempo que livraria da condenação da lei o pecador arrependido, não cancelaria o pecado; este ficaria registado no santuário até à expiação final; assim, no serviço típico, o sangue da oferta pelo pecado removia do penitente o pecado, mas este permanecia no santuário até o dia da expiação.

"No grande dia da paga final, os mortos devem ser julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras." Apoc. 20:12. Então, pela virtude do sangue expiatório de Cristo, os pecados de todo o verdadeiro arrependido serão eliminados dos livros do Céu. Assim o santuário ESTARÁ LIVRE OU PURIFICADO, DO REGISTO DO PECADO." (7)

Desde que a justiça e o amor de Deus têm sido desafiados, Deus em Sua infinita sabedoria está registando tudo nos "livros de registro." No santuário terrestre o pecado contaminava. No santuário celestial os pecados dos homens são registados. Assim, o santuário será purificado de toda contaminação. Somente desta maneira o santuário celestial poderá estar livre de toda contaminação.

A Bíblia não nos fala apenas de nomes sendo eliminados ou riscados do livro da vida, mas da erradicação completa do pecado também.

Em Jer. 2:22 nos fala "Tua iniquidade está marcada diante de Mim." Em Jeremias 17:1: "O pecado de Judá está escrito com uma ponta de ferro," tudo indicando que Deus tem os nossos pecados marcados no Céu, assim que são cometidos. A função do sangue é fazer o registro válido. Diante de todo o universo está o sangue de Jesus o qual justifica a Deus em fazer possível o registro dos pecados dos homens. Um

---

que se gastem no Seu trabalho! O preguiçoso logo se revelará.

Vigiemos mui sinceramente nosso trabalho; supliquemos humildemente a Deus; peçamos inspiração para sentirmos a alegria de pertencermos a esse batalhão de pregadores; se o inimigo nos assedia, vez por outra querendo semear em nosso coração o desânimo quanto ao trabalho, querendo levar-nos a olhar para trás; apeguemo-nos ao Senhor e a vitória será nossa!

## Referências

1. Primeiros Escritos, págs. 96 e 97.
2. Melodias na Alvorada, pág. 118.
3. Romanos 12:7.
4. I Tessalonicenses 2:2.
5. O Poder Através da Oração, pág. 6.
6. O Pastor-Evangelista, pág. 413.

elemento de culpa está envolvido no derramamento do sangue inocente do Cordeiro de Deus.

### III) O Sangue Purifica?

Examinemos algumas passagens das Escrituras: Núm. 19:4 — Somente o sangue purificaria o imundo.

Heb. 9:22 e 23 — Todas as coisas são purificadas pelo sangue. Sem sangue não há remissão.

Apoc. 1:5 — "... pelo Seu sangue nos libertou de nossos pecados ..."

I S. Ped. 1:18 e 19 — Redenção através do "precioso sangue de Cristo."

Portanto, no Velho Testamento notamos que o sangue em tipo o qual é de inocente — purifica! Não há remissão sem o derramamento de sangue. O sangue não contamina o santuário, mas pelo contrário purifica pela oferta do sangue. Este é o trabalho de Jesus nosso Senhor, imaculado e sem pecado.

No dia da expiação, cada pecado, confessado ou não deve ser purificado. Mesmo para os pecados aos quais nenhuma oferta foi feita, a purificação era necessária e realizada.

Em Lev. 16 notamos a purificação do santuário. Por que era necessária? Porque o santuário tinha assumido a responsabilidade de purificar o pecado. Todavia, o santuário não tinha em si o poder para purificar o pecado, mas podemos dizer que olhavam para o futuro confiando na obra de Cristo na cruz. A obra de purificação do santuário é possível através do sangue de Jesus — única e exclusivamente! Até à cruz, não havia salvação legal, se assim podemos dizer. Cristo, através de Seu sangue fez Deus justo, pois Deus não podia perdoar os homens sem este sacrifício. Ele fez propiciação. (Rom. 3:21-24.)

Então dizemos que o pecado é transferido pelo sangue, significando com isto que todos os pecados são registados ao serem cometidos, que todos os pecados são registados pelo sangue de Jesus Cristo e portanto, a base do julgamento é o sangue de Cristo. No Céu, Deus tem o registro de todos os pecados nos livros, os quais são tornados válidos, pelo sangue de Jesus Cristo. Isto dá a Deus a oportunidade de salvar e julgar os homens. Também proporciona a base para a erradicação final do pecado e a purificação do santuário celestial. Os pecados são registados não importa a experiência de fé.

A Sra. White nos relata como podemos nos apropriar do sangue de Cristo para purificar as nossas vidas:

"Todos que sinceramente se arrependem de seus pecados, apegando-se com fé ao sangue de Cristo, como seu sacrifício expiatório, terão o

perdão registado junto de seus nomes nos livros do Céu." (8)

Somente o sangue de Cristo pode purificar e exterminar o pecado:

Apoc. 1:5 — "pelo Seu sangue nos libertou de nossos pecados." — (De lavar, "lusinganti.")

I S. João 3:5 — "para tirar os pecados." (Vem de "airo," tirar, remover, colocar de fora.)

I S. João 1:7 — "o sangue de Jesus, Seu Filho, nos purifica de todo pecado." (De "katherizo," vocábulo grego, cuja forma usada é "katherisei," um presente histórico, significando que continua purificando, limpando, expurgando ...)

Atos 22:16 — "... recebe o batismo e lava os teus pecados, invocando o nome d'Ele." A mesma palavra é usada em Apoc. 1:5 (King James, diz: lavar), mas com "apo," "apolouo," significando limpar completamente ou ter redimido.

Atos 3:19 — "Arrependei-vos e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados." Cancelados, de "exaleipho" = erradicar, exterminar.

### IV) O Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo

O sangue de Cristo é a insígnia, o sinal e o símbolo do sacrifício de Jesus, do amor divino e redentor de Deus n'Ele, Seu Filho. Tem poder para salvar-nos e para redimir-nos. Alguém disse: "Se por casualidade um pingo do sangue do Salvador caísse na mão de um dos soldados romanos, enquanto estivesse fincando o prego nas mãos de Cristo ou nos Seus pés, aquele soldado pagão seria salvo, instantaneamente." Com efeito, o sangue de Jesus é precioso para nós, mas tem muito mais significado para seus filhos do que apenas uma história como essa. Tem um significado muito mais profundo para os filhos de Deus.

**A) EM PRIMEIRO LUGAR OBSERVAMOS QUE CRISTO OFERECEU SEU SANGUE COMO UMA OFERTA POR NÓS, NOS REDIMINDO DO PECADO.**

Através das Escrituras, podemos comprovar este fato por meio de dezenas de maravilhosas passagens:

Rom. 3:25 — "A quem Deus propôs, no Seu sangue, como propiciação, mediante a fé ..."

Colos. 1:14 — "No qual temos a redenção ..., a remissão dos pecados ..."

**B) EM SEGUNDO LUGAR NOTAMOS QUE O SANGUE DE CRISTO TEM PODER PARA PURIFICAR TODOS OS NOSSOS PECADOS:**

Heb. 9:14 — "... o sangue de Cristo ... purificará vossas consciências ..."



I S. João 1:7 — "... e o sangue de Jesus, Seu Filho, nos purifica de todo o pecado."

C) EM TERCEIRO LUGAR O SANGUE DE JESUS TEM PODER E VIDA.

Colos. 1:20 — "E que havendo feito a paz pelo sangue da Cruz ..."

S. João 6:54-56 — "Quem comer a Minha carne e beber o Meu sangue, permanece em Mim e Eu nêle."

"Quem comer a Minha carne e beber o Meu sangue tem a vida eterna."

### V) Conclusão

Em conclusão, diríamos por êste estudo que o sangue em si, como foi usado no Velho Testamento, não contamina. Sômente o sangue culpado contamina. Não há pecado no sangue. Pelo contrário, o sangue purifica. O que contamina o santuário é o pecado. Também notamos que Deus tem um registo dos pecados. Êstes pecados entram em registo assim que são cometidos, não quando confessados. O sangue não regista os pecados. Como vimos, Deus tem livros onde todos os pecados dos homens estão registados. Isto é o que precisa ser purificado no santuário celestial. O sangue torna válido o registo do pecado nos Céus e Deus dá oportunidade de fazer possível o registo dos pecados do homem. Não há um caso, um processo contra o homem, aparte do sangue. Através do sangue de Cristo, Deus pode discriminar e julgar o justo e o ímpio. O pecado do homem não pode ser erradicado até que o pecador perdoado tenha aprendido a viver pelo poder de Deus, livre do pecado.

A Sra. White declara:

"Assim quando Cristo, por virtude do Seu próprio sangue, remover os pecados do Seu povo do santuário celestial, ao cabo de Sua obra, Êle os lançará sôbre Satanás, que na execução final do juízo há de sofrer a penalidade ... Do mesmo modo Satanás há de ser banido para sempre da presença de Deus e do Seu povo, sendo aniquilado juntamente com o pecado e os ímpios na destruição final." (9)

### Referências

1. "Bakers Dictionary of Theology", pág. 99.
2. Idem, pág. 100.
3. "The Doctrine of the Atonement", de J. K. Mosley, pág. 21.
4. "O Santuário", pág. 187.
5. Idem, pág. 176.
6. "Questions ou Doctrine", págs. 431 e 432.
7. "Patriarcas e Profetas", págs. 370 e 371.
8. "O Conflito dos Séculos", pág. 494.
9. Idem, pág. 436.



AO SEU LADO

Para a Espôsa do Pastor

## Livros! Livros!

MIRIA HARDINGE

Espôsa do Pastor da Igreja de Angwin, Califórnia

POSSO vê-la ainda agora, em pé diante de minha porta, no momento em que estava para despedir-se, depois de ter pedido conselho sôbre problemas que afetam as espôsas de nossos estudantes de teologia. Seus olhos brilhavam de indignação enquanto dizia: "Livros! Livros! É tudo o que interessa a João; não pensa em outra coisa! Não pensa em deixar algum dinheiro para comprarmos roupas de cama e outras necessidades de casa. Todo mês chega em casa com um punhado de livros. Eu chego a odiar êsses livros!"

Tive pena dela. Talvez ela tivesse motivo genuíno de queixa. Pode ser que seu marido gastasse desarrazoadamente em livros quando havia falta de coisas essenciais em casa — eu não sei. Mas tive pena dela porque ela não compreendia a importância dos livros na vida de um ministro. "Quando vieres, traze a capa que deixei em Trôade em casa de Carpo, bem como os livros, especialmente os pergaminhos." II Tim. 4:13. Isto pedia Paulo a Timóteo em carta que lhe enviou da prisão em Roma. Êste pequeno apêlo tem-me tocado sempre. O idoso apóstolo estava sofrendo os rigores do inverno em Roma, e sua capa era-lhe muito necessária, mas o seu grande empenho era o conforto de seus livros.

Se a espôsa deseja que seu marido seja um competente ministro ou hábil professor, mostrando sempre as facêtas da verdade numa nova luz, anime-o a ler. Orgulhe-se em ajudá-lo a organizar uma bela biblioteca. Interesse-se pelos livros que êle traz para casa, isto por amor a êle e por seu próprio bem. A organização de

(Continua na pág. 17)

**U**MA grande multidão de homens, mulheres e jovens, carregada de complexos e frustrações tem gastado fortunas no desejo de possuir paz interior.

Dia a dia estão se multiplicando os consultórios dos médicos psicanalistas, que, baseados nos princípios e leis do comportamento, procuram ajudar àqueles que se apresentam com depressões na alma.

A vida tem-se tornado excessivamente agitada. E o ruído enlouquecedor dos grandes centros e os choques emocionais constantes estão bem além do que o sistema pode resistir.

Diante desta situação inteiramente nova, uma nova oportunidade vem ao ministério de Deus — Apresentar o nosso Deus como o único e inconfundível Amigo dos homens — Apresentar ao mundo a eficiência irrefutável do conhecimento experimental de Deus.

Enquanto uma grande multidão de pregadores e teólogos procuram transformá-Lo numa teoria para ser estudada nas classes das Universidades, e outros, procuram apagar a idéia de um Deus vivo e real, pela anunciação da pseudoteoria da morte de Deus, nós pela pregação verbal e pela pregação viva do nosso testemunho devemos dizer ao mundo: Deus é o único verdadeiro amigo dos homens; o Amigo íntimo de nossas confidências; o Amigo certo para as horas certas e incertas; o Único capaz de prestar auxílio na hora da crise. “Tu anunciador de boas-novas a Sião, sobe tu a um monte alto. Tu, anunciador de boas-novas a Jerusalém, levanta a tua voz fortemente; levanta-a, não temas, e dize as cidades de Judá: Eis aqui está o vosso Deus.” Isa. 40:9.

Mas antes de sairmos para anunciar isso a outros temos o dever de viver essa mensagem no exercício do nosso pastorado. Vêde essas palavras de E. G. White: “Recebi instruções para dizer a meus coobreiros; se quereis ter os ricos tesouros do Céu, precisais manter íntima comunhão com Deus. A menos que o façais, vossa alma será tão destituída do Espírito Santo, como os montes de Gilboa do orvalho e da chuva. Quando correis de uma coisa para outra, quando tendes tanto que fazer que não vos é possível dedicar algum tempo a conversar com Deus, como podereis esperar poder em vossa obra?” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 272.

Esse conselho nos indica claramente o caminho a seguir. Se queremos melhores resultados em nossa obra pastoral, temos então que melhorar nossa comunhão com Deus. Temos que fazer de Deus o nosso conselheiro e amigo.

Deus para muitos de nós, tem sido um Amigo muito distante. Com Ele não partilhámos, não discutimos nossos planos e idéias. Queremos fazer prosperar a obra de nossas mãos, mas, desconhecemos Sua orientação.

# Necessitamos de com

JOEL

No comentário do conteúdo histórico das profecias de Daniel vamos encontrar numa maneira despreziosa essa estupenda revelação: “Mas o povo que conhece a seu Deus, se esforçará e fará proezas.” Daniel 11:32.

E ainda da inspiração: “Alistamo-nos no exército do Senhor e não devemos lutar ao lado do inimigo, mas ao lado de Deus, onde podemos estar unidos com Ele em sentimento, ação, espírito e comunhão. . . . A palavra comunhão, significa participar, partilhar.” — *Fundamentals of Christian Education*, pág. 457.

## Os Resultados de Maior ou Menor Comunhão

Quanto mais estivermos unidos ao nosso Deus, menores serão os ciclos oscilatórios de nossa vida religiosa e mais poderosa será nossa influência pastoral.

A igreja sabe quando o seu pastor esteve no cenáculo.

Relembrando-nos: Que dia foi aquele!

Homens estavam em comunhão com Deus e foram revestidos do poder pentecostal.

Novas possibilidades se abriram para o movimento do Nazareno.

Os obstáculos caíram, “e o pequeno grupo evangelizou o mundo naquela geração.”

Devemos estudar mais os detalhes daquele revestimento de poder.

Precisamos daquela comunhão com Deus que antecedeu o derramamento do poder pentecostal e então estaremos prontos para fazermos um trabalho poderoso para a Obra do Senhor.

Muitos querem apoiar os resultados de sua carreira pastoral no brilho de seus dotes pessoais. Mas, vem-nos mais uma vez a advertência divina: “Não é o temperamento ou a eloquência do que prega que torna a sua obra bem sucedida. . . . É a familiarização do ministro com seu Deus e sua submissão à vontade divina, que dá êxito aos seus esforços.” — *Obreiros Evangélicos*, págs. 251 e 252.

A obra que permanece para a eternidade não é aquela que é feita com a força de nossos talentos, mas a que é realizada com a força da alma ligada a Deus. E nós, os pastores devemos construir para a eternidade.

# Mais Comunhão Deus

ARLI

Muitas vezes, pela tribulação que os muitos afazeres se nos impõem, os momentos de encontro com Deus vão sendo sacrificados um a um.

Logo os resultados surgirão.

Em primeiro lugar a nossa vida espiritual e emocional perde a estabilidade. Passamos a ser como as costas acidentadas. A nossa obra ministerial passa a ter as alturas das cordilheiras e os precipícios dos abismos submarinos.

Surgem as dúvidas, as incertezas e as desilusões. Parece-nos ter errado o escolhermos a carreira sacerdotal. Há intranquilidade e sentimento de queixumes. Tudo se torna instável.

Em resumo, a visão baixa do Céu à Terra. É por essa razão que nos orienta Deus — “É a comunhão com Deus que sustém a vida da alma.” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 254.

## Uma Lição da Vida de Elias

No livro de I Reis capítulo 19 versos de 8 a 11, temos uma parte da história da grande vida do profeta Elias.

Elias foi o homem que surgiu para aquele momento de crise, com a mensagem divina de advertência para o Israel decadente e que se dirigiu um dia para o monte Horebe — o monte de Deus.

O monte de Deus bem representa a igreja de Deus na Terra e Elias, o ministério que espontaneamente tem aceitado a comissão de dar ao mundo, a mensagem de arrependimento nessa hora de crise.

Elias tinha os privilégios e as responsabilidades do profeta como os ministros conduzem os privilégios e as responsabilidades do pastorado.

Mas o texto Sagrado afirma que ao invés de Elias erguer o seu semblante e obter uma visão ampla do trabalho, êle ocultou-se numa caverna que encontrou no monte de Deus.

Esse fato nos chama a atenção para alguma coisa oportuna e séria: Homens que ocupam posição de responsabilidade nos destinos do Movimento de Deus na Terra, poderão ocultar-

se em cavernas, frustrando-se aos deveres, como Elias no monte de Deus.

E dentro da caverna a visão se limita. Tudo se torna obscuro e os horizontes se estreitam. Deus queria orientar a Seu servo, mas Elias ocultou-se da presença do Senhor.

Prezados ministros, se os destinos da Causa de Deus já não nos emocionam mais, e se o futuro dessa Obra não nos desperta para novos empreendimentos e se não vemos mais possibilidades de avançar e estabelecer a igreja em novos territórios, é possível que já estejamos na caverna de Elias.

Mas graças a Deus a história de Elias não termina aqui. Porque Deus não dá uma oportunidade só para Seus servos. Deus veio e falou com Elias: “Que fazes aqui, Elias?” Foi o chamado de Deus para que o profeta estabelecesse uma nova relação para com a missão que havia recebido.

Feliz é o homem que ouvindo a interpelação de Deus sai da caverna da visão estreita para reviver os dias de um trabalho abençoado!

Tudo o que Elias sabia apresentar a Deus dentro daquela caverna era uma justificação com base nas suas obras.

Não se dá o mesmo ainda hoje? Quando homens dentro da Igreja de Deus ocultam-se na caverna da alienação da comunhão divina, tudo o que sobra é uma pálida justificação baseada nos recursos de suas obras.

E que valor tem isso para Deus?

“Sai à presença do Senhor” foi a ordem.

E quando Elias deixou a caverna e se colocou outra vez diante do Senhor, sua visão se ampliou.

Eis pois a fórmula de Deus para uma visão avançada ao lidarmos com as coisas do Reino — “Sai à presença do Senhor.” Deixar a caverna escura das impossibilidades, da visão estreita, das incertezas, da crítica e sairmos para estarmos na presença do Senhor!

A comunhão gera unidade e da unidade nos advém a força.

Neste trinômio Jesus apoiou as conquistas de sua futura Igreja ao fazer Sua oração intercessória: “Eu nêles e Tu em Mim, para que êles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que Tu Me enviaste a Mim, e que os tens amado a êles como Me tens amado a Mim.” S. João 17:23.

Maiores conquistas só advirão quando gastarmos mais tempo com Deus no exercício da comunhão. E completamos com êste inspirador aviso de Deus: “É com Deus no monte — o lugar particular da comunhão que havemos de contemplar Seu glorioso ideal para a humanidade.” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 254.

Que Deus conceda aos ministros graças especiais para um avanço rápido do Seu trabalho, pelo exercício mais acentuado da comunhão!

# Justificação e Salvação

(Conclusão)

ALBINO MARKS

**P**ORTANTO, tendo em Cristo o Autor da Lei, a Justiça Personificada, e sendo por Ele justificados, já não nos submetemos como servos a um código, mas praticamos os princípios nêle contidos como uma demonstração de amor voluntário e espontâneo ao Autor da justiça codificada, feito JUSTIÇA NOSSA. Guardamos a Lei, não para operar a nossa justificação e salvação, mas para demonstrar o nosso amor a quem nos justificou e salvou — Cristo.

Logo, a obediência à Lei é a evidência de nossa justificação. Não a praticamos para nos justificar; praticamo-la porque somos justos. Usando um argumento ilustrativo, o Pastor Jerônimo G. Garcia esclareceu: a laranjeira produz laranjas não para provar que é laranjeira, mas porque é laranjeira.

“Assim se dá com o homem verdadeiramente justo. Ele anda inconsciente de sua bondade e piedade. O princípio religioso tornou-se o motivo de sua vida e conduta, e é tão natural para ele produzir frutos do Espírito como para a figueira produzir figos ou para a roseira carregar-se de rosas. Sua natureza está tão inteiramente imbuída do amor a Deus e ao próximo, que faz as obras de Cristo com espírito voluntário.” — *Santificação*, pág. 14.

“Os que são justificados pela fé devem ter no coração o desejo de andar nos caminhos do Senhor. É uma prova de não estar o homem justificado pela fé, não corresponderem suas obras a sua profissão. . . .

“A fé que não produz boas obras não justifica a alma . . .” — *Mensagens Escolhidas*, Vol. 1, pág. 307.

**A JUSTIFICAÇÃO NO RITUAL JUDAICO** — Os judeus aprenderam que transgredindo a Lei Moral, deviam trazer um sacrifício, apresentando-o perante o sacerdote para cumprir certos ritos e dêste modo expiar a transgressão. Este é o claro ensino contido na lei de Moisés e assim o povo de Israel procedia. “Fala aos filhos de Israel, dizendo: Quando alguém pecar . . . contra qualquer dos mandamentos do Senhor, . . . oferecerá pelo pecado . . . Assim o sacerdote por essa pessoa fará expiação do seu pecado que cometeu, e lhe será perdoado.” (Lev. 4:2, 3 e 35.) Quando o israelita pecava contra qualquer preceito da Lei Moral, compreendia

que a própria Lei o condenava declarando-o injusto. O pecador não buscava justificação praticando à risca, os preceitos da Lei Moral. Praticava-os sim, para não agravar a sua condição de pecador, mas o pecado cometido sempre lhe estava presente. Para obter o perdão e ser declarado justo recorria ao sacrifício de inocente animal acompanhado dos ritos cerimoniais. Cumprido o ritual, tornava para seu lar jubiloso, sentindo-se reconciliado com Deus, a quem ofendera pela transgressão da Lei.

Este método tanto se arraigou com o passar do tempo, que o povo perdeu de vista o verdadeiro meio justificador, que não eram o sangue do nédio animal nem os ritos, e sim, o sangue de Cristo a ser derramado sobre a cruz. Contudo estavam certos na aplicação do princípio básico de justificação. Não buscavam justificação na observância da Lei quebrada, mas no pronunciamento do sacerdote mediante a apresentação e sacrifício de um substituto — o cordeiro.

Todavia, quando Jesus veio, os judeus não reconheceram nEle o Cordeiro de Deus. A visão espiritual estava completamente obscurecida e não percebiam nem compreendiam as grandes verdades ensinadas pelo cerimonialismo. O formalismo religioso vedara-lhes os olhos da fé. Não houvera isto acontecido e a vinda do Messias teria sido recebida na mais indescritível explosão de alegria.

Com a passagem dos séculos, fizeram da lei de Moisés o grande justificador, e disto temos evidências claras. Notemos o argumento de Paulo em Atos 13:39: “. . . não pudestes ser justificados pela lei de Moisés.” Porque o cerimonialismo com todos os seus ritos nunca justificou alguém. A justificação era obtida pela fé na vinda dAquele para quem todo o ritualismo apontava. Paulo arremata: “E por meio dEle todo o que crê é justificado.”

Na oração do fariseu, segundo a narrativa do médico Lucas em seu evangelho capítulo 18: 9-14, o espírito de justiça própria alcançada através das práticas rituais, atinge o climax da presunção. Todavia, Jesus assevera que justificado desceu para seu lar aquêle que inteiramente confiou na misericórdia divina.

Dois grandes e perigosos artificios são usados pelo diabo em nossos dias, para enganar o pecador em busca da reconciliação com Deus. Um à

semelhança dos israelitas, porém, totalmente desvirtuado, faz-nos crer que a justificação é obtida pela observância da Lei Moral. Contudo, a Lei Moral, sendo um código não justifica ninguém. Apenas aponta o pecado. Outro engano, não menos perigoso, é o de que sendo justificados pela fé na graça de Deus revelada em Cristo, nada mais temos a fazer. Em verdade, no processo da justificação o homem em nada participa a não ser em uma atitude: ACEITAR ou REJEITAR a oferta de Deus. Isto envolve uma decisão importantíssima: ACEITAR a oferta de Deus implica em submetermos inteiramente a nossa vontade à vontade divina. Paulo expressa isto de maneira inconfundível: "Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim." Gál. 2:19 e 20.

**SANTIFICAÇÃO** — Uma vez justificados, inicia-se o processo da santificação, e dêste o homem participa. Como? Vivendo em harmonia com a Justiça — a Lei — DEUS, e frutificando em boas obras.

"Há condições para recebermos a justificação e santificação, e a justiça de Cristo. . . . Conquanto as boas obras não salvem alma alguma, é impossível que uma única alma se salve sem boas obras." — *Mensagens Escolhidas*, Vol. 1, pág. 377.

"Não existe tal coisa como seja, santificação instantânea. A verdadeira santificação é obra diária, continuando por tanto tempo quanto dure a vida." — *Santificação*, pág. 11.

Na justificação, a justiça de Cristo nos é imputada. Nada temos a apresentar a Deus, senão o nosso substituto — Cristo, e em sua justiça somos envolvidos. Na santificação a justiça de Cristo é comunicada. É uma transformação diária em nosso viver; vencendo o mal e promovendo o bem.

"A verdadeira santificação é uma inteira conformidade com a vontade de Deus. Pensamentos e sentimentos de rebelião são vencidos, e a voz de Jesus suscita uma nova vida, que penetra todo o ser.

"Renúncia própria, sacrifício pessoal, benevolência, bondade, amor, paciência, magnanimidade e confiança cristã são os frutos diários produzidos por aqueles que estão verdadeiramente ligados com Deus." — *Santificação*, págs. 9 e 12.

Uma importante pergunta: onde está a glória do homem de participação no processo da santificação? Atentemos a esta declaração de Jesus: "Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanece em Mim, e Eu, nêle, êsse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer." S. João 15:5.

"Sem Mim, nada podeis fazer. Isto é significativo. Pelo processo da justificação somos enxertados em Cristo. Não porque tenhamos

méritos a apresentar, mas porque o amor de Deus nos atraiu e pela fé rendemos nossa vontade à vontade divina e por graça somos aceitos. Há uma inversão de valores neste processo em relação ao que conhecemos comumente. No processo comum de enxertos o cavalo normalmente é de frutificação imprestável e o enxerto de frutificação boa. No processo divino, a raiz é de frutificação excelente e o enxerto é mau. Vêde como o declara o apóstolo Paulo: "Se, porém, alguns ramos foram quebrados, e tu, sendo oliveira brava, foste enxertado em meio dêles, e te tornaste participante da raiz e da seiva da oliveira, não te glories contra os ramos; porém se te gloriarestes, sabes que não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz a ti." Rom. 11:17 e 18.

Na santificação frutificamos em boas obras, contudo mediante a seiva vivificadora de Cristo. "Porque sem Mim nada podeis fazer." Portanto, a quem pertence a glória de nossas boas obras? a Cristo. "Sou completo nAquele que introduz a justiça eterna. Ele me apresenta a Deus nas vestes imaculadas das quais nenhum fio foi tecido por qualquer instrumento humano. *Tudo é de Cristo, e toda a glória, honra e majestade devem ser dadas ao Cordeiro de Deus*, que tira os pecados do mundo." — *Mensagens Escolhidas*, Vol. 1, pág. 396. Grifo Nosso.

"... Cristo e o crente tornam-se um, e Sua formosura de caráter se revela naqueles que se acham vitalmente ligados com a Fonte de poder e amor. Cristo é o grande depositário da justificadoria justa e da graça santificante." — *Idem*, pág. 398.

Não somos aceitos diante da cruz por ali depositarmos um carregamento de boas obras. Mas devemos partir da cruz, depois de aceitos, produzindo boas obras numa vida nova mediante Cristo, em harmonia com a justiça, a Lei.

A suma de tudo que dissemos temos retrato na parábola do filho pródigo. O amor do pai atraiu o filho; sem nada trazer, rendeu inteiramente a sua vontade à do pai; envolvido por vestes novas foi aceito como filho. Novamente feito filho, não mais continuou a agir como o pródigo rebelde, mas como filho que ama voluntariamente, em inteira e submissa obediência ao pai. Tudo o que podia fazer para agradar o pai, tinha sua origem no amor profundo revelado pelo pai.

Sim, "sem Mim nada podeis fazer"; todo o bem que praticamos é a frutificação de um poder estranho, poderoso dentro de nós — a seiva do amor de Cristo.

"Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo." Gál. 6:14.

# Babilônia e o Animal

GORDON A. FRASE

(Pastor da Associação Alabama-Mississipi)

**U**M dos aspectos mais fascinantes do estudo da Bíblia é o das profecias. Surgem então as descrições do mundo exatamente antes da volta de Jesus, e a gloriosa esperança de uma Terra pacificamente habitada num futuro não distante, sempre incentivará o espírito do devoto e diligente estudioso da Escritura.

O cap. 17 do livro de Apocalipse encerra uma obra-prima de profecia descritiva do presente e do futuro. Na história das nações, descrita neste capítulo, vê-se claro como Deus permite ao próprio Satanás demonstrar a futilidade de seu sistema de governo e da grande necessidade que têm os homens do sistema de governo delineado por Deus e selado com o sangue de Seu próprio Filho.

Conforme esboça esse capítulo, o sistema de Satanás, privado dos superiores princípios da lei de Deus, que unem eternamente um povo, é repleto de corrupção moral, causadora de deterioração e degenerescência até que lhe sobrevenha a ruína final. Todo o capítulo é uma descrição do juízo de uma grande confederação dos ímpios.

## Visão de João

Nos vs. 1 e 2 um anjo introduz a João o assunto. A começar com o v. 3, João é arrebatado em visão e vê uma mulher assentada sobre um animal escarlata.

É claro que ela está assentada sobre um animal outro que não um dragão. Por motivo da influência satânica tão característica nesse animal, João o vê como de escarlata, a cor atribuída a Satanás (Apoc. 12:3 e 9). Em Apoc. 13 acha-se descrito ainda em maiores detalhes. Se queremos entender o que Deus nos quis revelar nesse animal, é importante que não o confundamos com o dragão do cap. 12.

Isto torna relevante o fato de que essa grande meretriz é também descrita pelo anjo como assentada sobre muitas águas (17:1). Diz-nos João, no v. 15, que as "águas" significam "povos, multidões, nações e línguas." Ajuda a compreensão desta profecia lembrar-nos de que o animal conglomerado de Apoc. 13:2 incorpora as dez pontas do animal indescrevível (Dan. 7:7), que tem corpo de leopardo (v. 6), pés de urso (v. 5), e cabeça de leão (v. 4). Esses ani-

mais todos saíram do mar (v. 3). O que Daniel viu em quatro animais separados, João vê num quadro bíblico homogêneo de um poder que ofende a Deus.

Como a mulher de Apoc. 12 é apresentada como pura, para simbolizar uma igreja pura, assim o cap. 17 apresenta uma mulher impura como símbolo de uma impura igreja. A mulher representa claramente o poder eclesiástico da igreja romana. Trajando vestes custosas (v. 4), ela é cheia de blasfêmias e doutrinas que levam os reis da Terra a cometerem prostituição espiritual. Conduz o povo à destruição completa.

Só podemos maravilhar-nos diante da exatidão desta profecia, ao contemplarmos hoje o seu cumprimento. A mulher é descrita como "embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus" (v. 6). Apoc. 13:17 mostra-nos que o animal realmente persegue o povo de Deus, ao passo que a mulher (Apoc. 17:6) se embriaga na sua habilidade de dominar o animal que cavalga.

Isto por certo que está de acordo com o simbolismo bíblico, visto como um animal representa um poder político (Dan. 7; Apoc. 13:11) e uma mulher representa um poder eclesiástico. Quão adequadamente isto se adapta ao poder romano católico hoje, bem como no passado! Papas têm coroado reis, e têm levado potências políticas a condenarem à morte os considerados hereges.

Para ver quão acuradamente a história confirma esta profecia, temos de dar atento estudo ao poder simbolizado pelo animal.

## Apocalipse 13 e 17

Que os animais de Apoc. 13 e 17 são os mesmos, evidencia-se da leitura dos dois versículos. "Então vi uma de suas cabeças como golpeada de morte, mas essa ferida mortal foi curada." Apoc. 13:3. Voltando ao cap. 17, v. 8, lemos: "A bêtea que viste, era e não é, está para emergir do abismo, e caminha para a perdição." A primeira passagem mostra o animal ferido mortalmente, e a segunda, emergindo do abismo. Em ambos os casos, essa maravilhosa restauração leva o mundo a maravilhar-se (13:3 e 17:8).

Napoleão mandou o general Berthier, em 1798, fazer do papa um virtual prisioneiro. Em 1870 o governo italiano privou essa igreja de seu poder temporal em sua terra. Referindo-se ao tratado histórico entre o governo fascista de Mussolini e o papado, diz uma enciclopédia: "Tratado de Latrão, o acôrdo concluído em 11 de fevereiro de 1929, entre a Santa Sé e o Estado Italiano, o qual terminou o longo alheamento entre o papado e a casa de Sabóia, que resultou da ocupação de Roma, em 1870, pelas tropas de Vítor Manuel II, rei da Itália. . . Os signatários foram Pietro Cardeal Gasparri, em nome da Santa Sé, e o primeiro ministro Benito Mussolini em nome do reino da Itália. . . Consiste de 27 artigos que garantem o reconhecimento da soberania do ocupante da Sé Romana, e concedem garantias territoriais do Estado da Cidade do Vaticano, reconhecimento de seus privilégios extra-territoriais e de isenção de desapropriação e impostos, assim como fazer acordos financeiros na forma de indenização." (1)

Isto foi apenas o princípio da escalada de Roma, de retôrno ao poder. É este um acurado cumprimento da profecia, a saber, conquanto a igreja sofresse um declínio, foi o poder temporal (o animal) que recebeu a ferida mortal e se restaurou (era, não é, e sobe do abismo). (Apoc. 13:3 e 17:8.) Ultimamente o pontífice romano tem estado a trabalhar com o governo comunista para que liberte os seus sacerdotes, e está, segundo alguns comentadores, colhendo uma margem de benefícios. Talvez o torne mais aceitável como possível mediador em conflitos como a guerra do Vietnã. O bispo Agostinho Casaroli visitou em Paris um diplomata de Hanói, em missão que teria sido impossível se fôssem ainda fortes as polémicas entre a igreja e o comunismo.

O Vaticano aí está hoje como comandante eclesiástico e temporal, vividamente retratado na profecia bíblica como uma mulher cavalgando um animal.

### As Sete Cabeças

São muito significativas as sete cabeças do animal. "Aqui está o sentido, que tem sabedoria: As sete cabeças são sete montes, nos quais a mulher está sentada. São também sete reis, dos quais caíram cinco, um existe, e o outro ainda não chegou; e, quando chegar, tem de durar pouco." Apoc. 17:9 e 10.

Nestes dois versículos são dados três símbolos, cada qual em número de sete. Os símbolos são noutra parte interpretados como reinos, impérios ou potências políticas.

1. Cabeças — Daniel 7:6.

2. Montes — Daniel 2:35 e 45.

3. Reis — Daniel 2:37 e 38.

Na tradução do rei Tiago o décimo ver-

sículo de Apoc. 17 começa: "E há sete reis." A de Almeida, antiga, diz: "E são também sete reis." O grego começa o verso: *Kai brasi-leis kepta eisin,*" (2) ou seja: "E eles são sete reis." Isto torna bastante claro que João viu as cabeças, montes e reis como a mesma coisa. Aqui êsses reinos são constituídos de um animal e homogeneizado pela pecaminosa influência de Satanás, de quem receberam o poder (13:2).

Quando João os viu, cinco já haviam caído, um estava no poder, e o sétimo devia ainda receber o reino. Através da história deste mundo, houve sete grandes impérios universais: O Egito, que três vezes ascendeu a um elevado cume de poder; a Assíria, que destruiu Israel; Babilônia, Média-Pérsia, Grécia, Roma pagã, e Roma papal. (3) Quando João teve esta visão, já haviam passado do cenário o Egito, a Assíria, Babilônia, Média-Pérsia e Grécia. Roma Pagã empunhava o cetro e alguns séculos depois diluiu-se na Roma papal. A igreja Católica Romana foi sustentada pelo governo civil e por sua vez o dirigiu, e por algum tempo o Santo Império Romano foi o poder temporal com as remanescentes sete das dez pontas (Europa), como reis vassalos bastante fortes e independentes.

Três vezes dizem os vs. 3, 7 e 9 do cap. 17, que a mulher é sustentada e conduzida por êsse animal. Isto é muito significativo. Com efeito, a profecia parece apoiada pela geografia, pois a cidade de Roma situa-se sobre sete colinas (montanhas) que representam, por assim dizer, os sete impérios mundiais dos quais ela recebe o sustento. Cada um deles teve sua parte no desenvolvimento de suas doutrinas.

### Doutrinas Falsas

A Igreja Católica tem baseado suas doutrinas na tradição, assim como na Bíblia, como declara o Concílio de Trento. (4) Essas tradições atravessaram os séculos, provindas de fontes pagãs, e têm afetado quase todos, se não todos os seus ensinamentos. Em seu livro *Paganism to Christianity in the Roman Empire*, Walter Woodburn Hyde admite: "Mas enquanto o Império se tornou cristão, a igreja tornou-se em parte pagã." (5)

Na obra *The Conditionalist Faith of Our Fathers*, Vol. 2, L. E. Froom mostra que a doutrina do purgatório teve múltiplas fontes pagãs. Menciona entre elas o Egito, a Pérsia, e os filósofos platônicos da Grécia. (6)

Idéias teológicas percorreram a Assíria, Babilônia, Pérsia e Grécia, sendo a maioria incorporada ao paganismo romano, de uma ou outra forma.

"Essa influência [babilônica] manifestou-se de vários modos. Primeiro, introduziu novos deuses. Desta maneira Bel passou do Panteão babilônico para o de Palmira, sendo honrado

através de todo o norte da Síria. Foi também causa de que antigos ensinamentos teológicos se dispusessem em novos grupos. . . . Finalmente — e isto é o mais importante — a astrolatria operou mudanças radicais no caráter dos poderes celestiais e, como consequência, em todo o paganismo romano.” (7)

Referindo-se à doutrina do purgatório, diz o Dr. Froom: “O alicerce foi pôsto por Agostinho. Foi então sancionado pelo papa Gregório o Grande (c. 582), apoiado a seguir por Damião, e consumado sob Pedro Lombardo e Tomás de Aquino. Agostinho, seguindo Platão em seu conceito de uma morada de dor infinda, parece ter sido o primeiro escritor cristão a propor a idéia de purificar a ‘alma imortal’ enquanto o corpo jaz na sepultura, embora êle rejeitasse positivamente a idéia de um ‘terceiro’ local, como ‘desconhecido aos cristãos e estranho à revelação.’ Mas procurou êle uma via de escape das terríveis dores de um inferno sem fim. . . . A elevada posição de Agostinho nos círculos teológicos serviu de credencial a essa determinada idéia, que encontrou aceitação entre as tribos bárbaras da Itália, Espanha e Inglaterra quando os Godos e os Lombardos invadiram a Itália, e quando a França foi subjugada pelos Francos, e os Vândalos talaram a Espanha.” (8)

Difícil seria saber quantas são as fontes das doutrinas papais, mas grande parte dos ensinamentos que prevaleciam nos impérios do mundo, cristalizou-se nos ensinamentos e nas práticas católicas. Vê-se a influência Satânica através dos bastidores da História, sempre opondo-se à verdade, mas alterada de modo a adaptar-se aos povos e aos tempos. A doutrina da imortalidade da alma tem sido dirigida como se dirige latada acima uma trepadeira sempre crescente, mas a semente foi lançada no Jardim do Éden, quando Satanás disse: “É certo que não morrereis.” Gên. 3:4.

A sacraticidade do domingo, também de raízes pagãs, é uma doutrina satânica oposta à lei e ao governo de Deus. Não admira que o animal fôsse revelado a João em trajes escarlata!

### O Animal que Era, que Não é, e que Está Para Emergir

Apoc. 17:11 é passagem que parece complexa, mas uma vez desvendada, acha-se em bela harmonia com os vs. 8 e 10, assim como com o v. 3 do cap. 13.

“A bêsta que era e já não é [que recebera a ferida mortal e foi curada], é ela também o oitavo, e é dos sete, e vai à perdição.” Apoc. 17:11.

Apoc. 17:11

1. “era e já não é”
2. “é ela também o oitavo”

3. “e é dos sete”

4. Verso 8: “aquêles que habitam sôbre a Terra . . . se admirarão.”

Apoc. 13:3

1. “uma de suas cabeças . . . golpeada”

2. “ferida mortal foi curada”

3. “uma de suas cabeças”

4. “tôda a Terra se maravilhou, seguindo a bêsta.”

Quando caiu Roma pagã, a queda foi antes uma transição para um governo religio-político e continuou por 1.260 anos. Mas o oitavo, que é “dos sete” (*ek tōn hepta*), (9) é a volta de Roma papal a um poder dual que começou em 11 de fevereiro de 1929, e é ainda uma mulher cavalgando um animal escarlata. Parece incoerente, mas aquêles mesmo [Mussolini] que de nôvo deu autoridade ao papa, foi assassinado e suspenso de cabeça para baixo, com a amante, nas ruas de Roma. Ainda a Igreja Romana prossegue até que os reis da Terra com ela se prostituam.

Hoje vemos os reis, sim, o mundo todo, esperando mais e mais que o papa guie os negócios nacionais e religiosos. É esta mistura de ambos, para promover a autoridade eclesiástica da igreja, que resulta na perda da liberdade religiosa e faculta uma atitude prostituída por parte da igreja.

Em cumprimento disto, os chefes de Estado aceitarão do poder eclesiástico leis que hão de restringir a liberdade de consciência e desviar os homens do dever de fidelidade a Deus. Hoje os líderes do mundo aguardam direção e guia dêsse poder político-religioso. Êles, assim como os líderes religiosos, estão estendendo as mãos através do abismo.

### A Igreja-Mãe

A mulher representa a Igreja Católica Romana como “mãe das meretrizes” (Apoc. 17:5). Então ela como que se transmuda aos olhos de João e é apresentada como “a grande cidade que domina sôbre os reis da Terra.” V. 18. É ainda a mulher, mas tendo ao redor as filhas. É significativo que Roma é conhecida como a igreja-mãe, e hoje encontramos os “irmãos separados” como que voltando ao mesmo redil.

Como no caso da atitude dos homens para com uma meretriz, no final êles a odeiam (v. 16). “As multidões estão cheias de furor. ‘Estamos perdidos!’ exclamam; ‘e vós sois a causa de nossa ruína’; e voltam-se contra os falsos pastôres. Aquêles mesmos que mais os admiravam, pronunciarão as mais terríveis maldições sôbre êles. As mesmas mãos que os coroavam de lauréis, levantar-se-ão para destruí-los. As espadas que deveriam matar o povo de Deus,

(Continua na pág. 20)



# “Porque o Senhor me Ungiu...”

ANÍSIO CHAGAS

O PRIMEIRO versículo de Isaías capítulo 61 começa com esta maravilhosa declaração: “... Porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados.” Esta é a missão precípua daquele que foi chamado para o ministério. O versículo está cheio de outras afirmações importantes, mas em primeiro lugar se salienta o ministério da pregação. Preguar o Evangelho aos de corações despedaçados pelos estilhaços do pecado. Que maravilha!

Quando entramos no trabalho do Mestre, Satanás se empenha para desviar-nos desta sagrada tarefa. Ele conhece o valor da pregação e quer fazer silenciar os ministros. E não é raro encontrarmos obreiros complexados, tímidos, alguns já ungidos pelas mãos do ministério, sem esta convicção, de que foram ungidos para pregar.

Alguns estão envolvidos em *Side lines*, outros em política, buscando posições. Oh que lástima! Não foi para isto que fomos ungidos. Preguar, pregar, pregar. É meu dever é seu dever. Preguar nos púlpitos, nas praças públicas, no rádio, na televisão, nas grandes assembleias, em séries de conferências. O *Espírito do Senhor estará sobre nós* e seremos capacitados.

Estive outro dia ouvindo na hora do almoço um comentário radiofônico. Após um breve programa de música entrou, o orador falando sobre a última jogada de futebol. Não gosto de futebol, mas gostei do orador, pela maneira entusiasta, vibrante com que expunha a sua matéria.

Após o programa, fiquei a ponderar: Se todo pregador adventista tivesse esta vibração na exposição da verdade eterna, muitos corações quebrantados se encheriam de gozo e abreviada seria a vinda do Senhor em glória.

Um ministro que não prega é um quadro desolador... Você já dirigiu uma série de conferências? Você poderá argumentar: Isto não é para mim. Isto é para Cleveland, Schubert etc e etc. Prezado colega, você também foi ungido para pregar esta mensagem divina de que tanto o mundo necessita.

“Prega a Palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda longanimidade e doutrina.” II Tim. 4:2. É isto que eu e você precisamos fazer.

Muitos fazem planos de pregar às multidões famintas do Pão da Vida e ficam esperando o tempo oportuno e passa o ano e nenhuma pregação foi feita. É lastimoso!

Existe crise? Pregue a Palavra. Há falta de orçamento? Pregue a Palavra. Falta uma

equipe de obreiros para ajudar? Pregue a Palavra. Está chovendo? Pregue a Palavra.

“Quem somente observa o vento, nunca semeará, e o que olha para as nuvens nunca segará.” Ecles. 11:4.

Quando Satanás com tentações várias vier desviar-nos do nosso alvo, permita Deus que todos nós possamos responder-lhe: O Senhor nos ungiu para pregar.

---

## Livros! Livros!

(Continuação da pág. 9)

uma biblioteca é coisa fascinante, quando se colocam os livros lado a lado, dicionários, comentários, enciclopédias, biografias, História etc. Os livros são amigos e ajudadores, conselheiros e guias. Tenha-se deles uma boa quantidade — livros de boa qualidade, naturalmente.

Mas é preciso que haja equilíbrio até mesmo na aquisição de uma biblioteca. Os numerosos catálogos de livros que nos chegam pelo correio podem-se constituir numa tentação de investir em obras que pareçam atrativas, mas são na realidade de pouco valor.

Tome-se emprestado de uma biblioteca ou de amigos — não esquecendo nunca de devolver (muitos ministros são culpados deste esquecimento) — algum livro que se deseja comprar, aquilatando assim primeiro do seu real valor e proveito. Num livro pode haver tão pouco de real importância, ou mesmo nada, que é possível tomar nota do que se deseja, sem ter de comprar desnecessariamente. Mas se o livro possui muito de utilidade no preparo de sermões e na condução do ministério, deve ser comprado de qualquer maneira.

Ao planejar o lar, deve o obreiro dedicar cuidadosa atenção ao agasalho de seus livros. Devem ser conservados em lugar acessível e organizados de acordo com os assuntos, de maneira que seja fácil buscar uma referência.

Geralmente o melhor lugar para a guarda dos livros é a saleta de estudos. Esta deve estar localizada num recanto o mais calmo possível da casa, devendo ser provida com uma mesa, cadeira e máquina de escrever, bem assim com a estante de livros. Deve ser alvo da esposa do ministro tornar este aposento tão confortável e agradável quanto possível, não somente para estimular a eficiência como para torná-lo convidativo ao estudo e meditação.

# Perigos que Ameaçam a Igreja

HUMBERTO R. TREYER

**E**SCREVEU CORNEILLE: “Triunfamos sem glória quando conquistamos sem perigos.” (1) Penso que não é este nosso caso, como igreja. Nós, em conjunto com toda a criação, gememos na ardente expectativa de ser libertos “do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus.” (2) A crise na qual já ingressamos, e que se irá acentuando até um grau inimaginável, não é senão o resultado da soma de uma série de perigos interiores e exteriores que ameaçam a Igreja e procuram eclipsá-la, destruí-la. Recentemente o presidente de nossa obra em todo o mundo, pastor Pierson, identificou esses perigos potenciais que se adensam no horizonte da igreja: erosão da fé, secularismo crescente, hipocrisia, apatia, desonestidade, ausência de conversão, e inatividade. (3)

Mas sem perigo não há glória, e sem crise não há vitória, por isso dizemos como Paulo: “Graças, porém, a Deus que em Cristo sempre nos conduz em triunfo.” (4) Oh! S. Paulo conhecia perfeitamente os perigos dos seus dias, os riscos e ameaças sempre impendentes sobre o ministério da Igreja. Ele os sentiu repetidamente em sua própria vida. Em sua segunda carta aos coríntios, cap. 11, menciona-os pormenorizadamente: perigos exteriores que não o preocupam muito, perigos interiores que lhe angustiavam o espírito a ponto de arrancar-lhe lágrimas. Todavia, já no crepúsculo de sua vida pôde escrever: “Tudo posso naquele que me fortalece.” (5) Sua confiança na igreja foi sempre total, inalterável. Jamais duvidou do triunfo final da igreja de Deus, embora mais de uma vez se referisse, penalizado, a fracassos de certos indivíduos, mesmo de colaboradores no evangelho, que o desampararam, amando mais o mundo.

Ao dedicar este tema aos perigos da igreja, lembremo-nos de que a igreja não é um ente impessoal, mas sim um edifício santo, no qual, sobre o fundamento de Cristo e Seus mensageiros, profetas e apóstolos, nós mesmos estamos sendo edificadas. Esta estrutura divina não corre perigo; não há potência na Terra, nem poder no inferno, nem energia alguma do cosmos, que possa sequer fazer perigar o seu triunfo. Pode a igreja ter muitos defeitos e imperfeições, mas é na Terra o único objeto ao qual Cristo confere Sua atenção suprema. É seguro o seu triunfo.

Entretanto, o que não está determinado é quem são os que vão triunfar com a igreja. É no plano individual que os perigos se tornam sérios e graves. Escolhos imprevisíveis podem levar ao desastre. Daí a importância do conselho inspirado: “Mantendo fé e boa consciência, porquanto alguns, tendo rejeitado a boa consciência vieram a naufragar na fé.” (6)

Já deixamos o Egito e aproximamo-nos de Canaã. Esse penoso caminho, da escravidão para a gloriosa herança dos santos em luz, foi percorrido em mais de uma oportunidade, pelos escolhidos de Deus. “Na areia estão as pegadas dos que já passaram . . .” Os perigos estão indicados claramente, porque “estas coisas lhes sobrevieram como exemplos, e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado.” (7)

“O percurso dos filhos de Israel foi descrito fielmente; a libertação que o Senhor operou em seu favor, sua perfeita organização e sua ordem especial, seu pecado em murmurar contra Moisés, e portanto contra Deus, suas transgressões, suas rebeliões, seus castigos, seu esqueletos semeados pelo deserto por motivo de sua falta de vontade em submeter-se aos sábios planos de Deus — este quadro fiel acha-se colocado diante de nossos olhos, como advertência para não seguirmos seu exemplo de desobediência, e cairmos como eles.” (8)

Faz algum tempo, uma revista da igreja Congregacional publicou interessante descrição de quadro novas espécies de aves eclesiásticas. Entre elas aparecia a denominada *Statisticus primus*: distingue-se por seu grande amor aos números de todas as classes; pode somar, dividir e obter as médias com grande facilidade, e cita-as frequentemente, mas perturba-se facilmente com números pequenos; seu alimento preferido são áridas estatísticas, que ingere em grandes quantidades; desenvolve-se especialmente em igrejas crescentes, pois lhes agrada reunir-se em grandes agrupamentos e, de ângulos diversos, contar repetidamente os seus componentes. (9) Nem a publicação que estamos citando, nem quem isto escreve, são contra as estatísticas: são necessárias e altamente orientadoras; mas o perigo está no uso que se lhes dê.

Depois de passar um ano junto do Sinai, o povo de Israel encontrava-se estatisticamente muito bem. Tudo havia sido organizado, até aos

mínimos pormenores. Acompanhava-os a prosperidade sanitária e econômica. O abastecimento de viveres realizava-se com toda a regularidade, mediante o maná e ocasionais provisões de codornizes. Outros pormenores de seu bem-estar foram providos pela refrigerante nuvem diurna e a providente coluna de fogo noturna. A água não era problema, nem se lhes desgastava a roupa e o calçado. Era natural que o povo começasse a encontrar prazer no que conseguira; e quando a ordem divina lhes indicou que deviam abandonar o monte e viajar para o norte, imediatamente se ergueu a grita de protesto. Taberá foi o nome que recebeu esse lugar, e Taberá significa incêndio, porque ali o fogo do céu fez cessar os protestos, demonstrando o desgosto com que Deus olha ao comodismo em Seu povo.

Ameaça-nos porventura esse comodismo? Estamos projetando boa imagem na comunidade: os artigos periodísticos acerca de nossa obra, escritos em termos de admiração e respeito, publicam-se com bastante freqüência. Gozamos o favor do povo e somos, mesmo, de certo modo, populares. Com raras exceções, somos olhados com respeito e estima. As fotografias de prefeitos, com tesoura nas mãos, prontos para cortar a fita que dá acesso a uma nova instituição adventista, são freqüentes. É que estamos crescendo.

Acaso não estamos satisfeitos, e não nos sentimos lisonjeados com o conseguido? É claro que sim, e com justa razão. Existem, porém, perigos que nos espreitam no terreno desse conformismo: é que esses fatos não constituem os sinais distintivos do povo de Deus. Uma coisa é sentirmo-nos gratos a Deus pelo que tem feito por Sua igreja até aqui, e outra muito diversa e descansar confiados nos supostos méritos do que se realizou. Coisa terrível é tosquenejar e adormecer sem perceber que o azeite das lâmpadas se vai acabando, ou já se acabou, porque a obra há de ser concluída “não por força nem por poder, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.” (10)

Ernesto Troelstch e Max Weber, em uma série de estudos eclesiásticos recentes, parecem ter demonstrado, acima de toda a dúvida, que os movimentos religiosos seguem uma rota inexorável: iniciam-se com o fervor e o entusiasmo da seita, para terminar no conformismo e na morndão da igreja. Esses autores distinguem quatro etapas no processo: seita, denominação, denominacionalismo e igreja. (11) Será que nossa igreja está percorrendo esse mesmo trilho, ou mantemos ainda o espírito fervoroso e a disposição ao sacrifício demonstrados por nossos pioneiros?

Liston Pope, em uma obra aparecida há pouco, acentua as diferenças mais notáveis entre os dois estados opostos: seita e igreja. (12) A

seita acentua a interpretação bíblica literal; a igreja, ao contrário, incorpora o pensamento humanístico e científico em sua interpretação das Escrituras. A seita mantém uma rígida comunidade moral, excluindo de seu seio os membros indignos; na igreja não se encontra tal rigor: só requer que a conduta se ajuste às normas sociais existentes, e antes de tomar alguma medida disciplinar, considera todas as possíveis repercussões do caso. A seita busca e anima a participação da congregação; na igreja, a liderança leiga foi suplantada por um reduzido grupo especializado. O culto da seita é fervoroso; na igreja tudo é regido por uma liturgia mais ou menos elaborada. A seita dá grande ênfase à evangelização e aos avivamentos; na igreja essas atividades são olhadas como chegadas ao fanatismo, e a ênfase é sobre a educação.

Prossegue a lista de comparações, mas as acima dadas são ilustrativas. Não nos agrada ser chamados seita. Pensamos que nessa palavra há certa qualificação depreciativa. Ao contrário, buscamos o reconhecimento por parte dos grandes corpos religiosos da cristandade, e ficamos satisfeitos por o havermos em parte conseguido. Triste seria que esse conhecimento fosse fruto de uma perda de nossa investida evangelística e do fervor de nossos pioneiros na proclamação e testificação de nossa mensagem distintiva.

“Revivam a fé e o poder da igreja primitiva, e o espírito de perseguição reviverá também, e o fogo da perseguição voltará a acender-se.” Estas são palavras com as quais termina o segundo capítulo do *O Conflito dos Séculos*. (13)

Corremos realmente o risco do concessionismo do compromisso, do conformismo? Ricardo Niebuhr faz notar que só em casos muito excepcionais o fervor da primeira geração se manifesta também na segunda. Em que geração nos encontramos nós? Com certo alarma, e ao mesmo tempo não sem alguma esperança e alegria, li faz algum tempo do batismo do primeiro adventista da sexta geração. (14) Celebrou-se em nosso colégio do Oriente Médio, em Beirute (Libano), a 3 de junho de 1961. Com alarma, porque esse fato fala de nossa demora em completar a obra de que fomos incumbidos; mas também com alegria, porque demonstra que os adventistas ainda mantemos nosso amor à verdade. Mas, mantemos realmente o fervor e o espírito de sacrifício de um José Bates, de um Tiago White, de um João Loughborough, de um Francisco Westphal? Não será que o longo contato com o mundo e seus costumes está comprometendo nossa identidade? Pois a mente vai-se adaptando ao que contempla. . .

Em um capítulo referente à moda e ao vestuário, a mensageira do Senhor chegou a esta conclusão: “O povo de Deus perdeu, em grande medida, sua peculiaridade, e se tem adaptado gradualmente aos cânones do mundo, com êle

se misturando a ponto de assemelhar-se aos mundanos.” (15) E em um artigo de caráter mais geral, acrescentou: “Muito do professo e peculiar povo de Deus está tão conformado com o mundo que já não se distingue de seu caráter peculiar e se torna difícil diferenciar entre ‘o que serve a Deus e o que não O serve.’” (16)

Creio, com tôda a convicção, que o conformismo é um dos nossos maiores perigos. Afrouxa a vigilância e anuvia o entendimento. Em sua esteira o mundo se introduz na igreja, e com êle muitos outros males e perigos a atacam. Como oraria nosso Senhor, se estivesse na Terra hoje! “Não peço que os tires do mundo; e, sim, que os guardes do mal. Eles não são do mundo como também Eu não sou.” (17) Com fervor aconselhou o apóstolo: “Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquêle, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente.” (18) Portanto, irmãos, “não vos conformeis com êste século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.” (19)

(Sermão pronunciado por Humberto R. Treyer, em Embalse del Rio Tercero, Córdoba, por ocasião da 21.ª Assembléia da União Austral dos Adventistas do Sétimo Dia, na noite de quarta-feira, 24 de dezembro de 1969.)

### Referências

1. Lewis C. Henry, ed., *Five Thousand Quotations for all Occasions*, Garden City, New York. (Doubleday & Company, Inc., 1945), pág. 54.
2. Rom. 8:21.
3. Robert H. Pierson, “Wy are we here, and Where are we going.” *The Review and Herald*, 13 de novembro de 1969, pág. 9.
4. II Cor. 2:14.
5. Fil. 4:13.
6. I Tim. 1:19.
7. I Cor. 10:11.
8. *Testimonies*, Vol. 1, pág. 652.
9. Frank M. Weiskel, “Ecclesiastical Bird Watching.” *Christianity and Crisis*, fev. 3, 1958. Citado in *The Ministry*, set. 1958, pág. 16.
10. Zac. 4:6.
11. William Loveless, “Indian Summer.” *The Ministry*, set. 1965, págs. 26 e 27.
12. Liston Pope, “Milhands and Preachers,” citado por

William Loveless, “Indian Summer.” *The Ministry*, set. 1965, pág. 27.

13. *O Conflito dos Séculos*, pág. 52.
14. G. Artur Keough, “A Sixth-Generation Adventist,” *The Ministry*, out. 1961, pág. 12.
15. *Testimonies*, Vol. 5, pág. 525.
16. *Testimonies*, Vol. 2, pág. 125.
17. S. João 17:15 e 16.
18. I S. João 2:15-17.
19. Rom. 12:2.

## Babilônia e o Animal

(Continuação da pág. 16)

são agora empregadas para exterminar os seus inimigos.” (10)

Nesta visão concedida a João, apresenta-se uma grande vista panorâmica do desenvolvimento, reinado e completa destruição de um poder que nestes últimos dias de estar em guerra com a igreja remanescente, que guarda os mandamentos de Deus e tem o testemunho de Jesus. Quão importante é que os adventistas do sétimo dia compreendam a verdadeira natureza do conflito que diz respeito ao romanismo, unido ao protestantismo apostatado e ao espiritismo (Apoc. 16:13)! À luz dos desdobramentos da atualidade, quão importante é que proclamemos fielmente a mensagem do terceiro anjo, de Apoc. 14! — *The Ministry*, dezembro 69.

### Referências

1. “Tratado de Latrão,” *The Encyclopedia Americana*, edição 1968, Vol. XIV, págs. 770 e 771.
2. Nestle, D. Erwin, *Novum Testamentum Graece*, publicado na Alemanha por Verlag und Druck, 1952, pág. 645.
3. Thiele, E. R., *Outline Studies in Revelation* (Berrien Springs, Michigan; Emmanuel Missionary College), 1954, págs. 527 e 528.
4. *Seventh-day Adventist Bible Students' Source Book* editado por Don F. Neufeld e Júlia Neuffer (Washington, D. C., Review and Herald Publishing Association), 1962, artigo 1738, pág. 1042.
5. Hyde, Walter Woodburn, *Paganism to Christianity in the Romam Empire*, citado em *SDA Bible Students' Source Book*, obra citada, artigo 1360, pág. 842.
6. From, L. E., *The Conditionalist Faith of Our Fathers* (Washington, D. C., Review and Herald Publishing Association), 1965, II, 41.
7. Cumont, Franz, *The Oriental Religions in Roman Paganism*, citado em *SDA Bible Students' Source Book*, obra citada, artigo 137, pág. 74.
8. From, obra citada, págs. 42 e 43.
9. Nestle, D. Erwin, obra citada, pág. 645.
10. White, Ellen G., *O Conflito dos Séculos*, Casa Publicadora Brasileira, pág. 656.